

QUANDO A OPÇÃO É CONTINUAR: ESTRATÉGIAS DE SOCIALIZAÇÃO E PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES POPULARES NAS PÓS-GRADUAÇÕES *STRICTO SENSU*

Autora: Edilene Dayse Araujo da Silva¹
Orientador: Prof^o. Dr^o. Adir Luiz Ferreira²

RESUMO

Dentre as limitadas possibilidades, tensões sociais, políticas e simbólicas, continuar a jornada acadêmica acaba sendo o caminho de alguns universitários das classes menos favorecidas. Assim, desbravando uma nova realidade, galgam um espaço na produção científica e de docência no ensino superior ao cursar mestrados e doutorados federais. A pesquisa doutoral em andamento, elucidada no presente trabalho, tem como proposta investigar a presença popular, seus impactos e desafios em programas de pós-graduação *stricto sensu*. O lócus de pesquisa é a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com delimitações nos seguintes programas, subdivididos em três áreas: BIOMÉDICAS (1) Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (PPGCSA) e (2) Psicobiologia (PPGPsicob); TECNOLÓGICAS (3) Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química (PPGEQ) e (4) Ensino de Ciências e Matemática (PPECM); HUMANAS (5) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e (6) em Educação. Concomitante a realização das etnografias dos ambientes acadêmicos, foram aplicados 133 questionários nos cursos delimitados e a partir das respostas, definiu-se os sujeitos para as entrevistas compreensivas (KAUFMANN, 2013), totalizando 12 estudantes populares entrevistados, um do mestrado e outro doutorando, de cada pós-graduação.

Palavras-chave: Sobrevivência de estudantes populares na pós-graduação. Socialização na pós-graduação. Estratégias de permanência nos programas *stricto sensu*.

INTRODUÇÃO

A expressão “Quando a opção é continuar” no título do presente trabalho foi designada para destacar as escolhas, mesmo que condicionadas, definidas pelos estudantes populares frente ao conflito de dar continuidade aos seus estudos na pós-graduação. Dentre as limitadas possibilidades e tensões sociais, políticas e simbólicas, continuar a jornada acadêmica acaba sendo o caminho de alguns universitários das classes menos favorecidas. Assim, desbravando uma nova realidade, galgam um espaço na produção científica e de docência no ensino superior ao cursar mestrados e doutorados federais.

Ainda no tocante do título, a categoria “popular” tem centralidade em nosso estudo,

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), edilenedayse@gmail.com;

² Professor Orientador: Pós-doutor, professor titular no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRN, adilfer@gmail.com.

tendo em vista que, até o presente momento, não foi encontrada nenhuma pesquisa no país que trate especificamente de socialização e classe popular na pós-graduação. O caráter pioneiro deste estudo pode colaborar expressivamente com a compreensão das vivências e trajetórias dos estudantes populares no pleito da titulação de mestres e doutores.

Acerca do recorte do nosso lócus de pesquisa, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (nº 9.394/1996), mais especificamente no art. 44, é estabelecido que a educação superior é composta por cursos sequenciais, extensão, graduação e pós-graduação. A última instância apresentada é dividida em duas grandes modalidades: *lato sensu* (especialização e Master in Business Administration - MBA) e *stricto sensu* (mestrados acadêmicos e profissionais e doutorados). Será justamente último âmbito que focamos nossa pesquisa doutoral em andamento, arcabouço desse artigo.

Segundo o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (BRASIL, 2017), em 1998, a comunidade acadêmica do país apresentava 1.259 programas de mestrado e doutorado no total. Em 2016, atingiu o número de 4.177. No quantitativo de estudantes, em 1998 possuíamos 26.697 doutorandos e 49.387 no mestrado acadêmico. No ano de 2016, esse contingente saltou para 107.640 estudantes matriculados no doutorado e 126.436 em mestrados acadêmicos.

Embora não se tenha encontrado, até agora, um banco de dados aberto sobre o perfil socioeconômico dos mestrados e doutorandos do país, pode-se inferir que o aumento de ingressantes trouxe consigo uma ampliação dos representantes das classes populares, frutos da recente ampliação do acesso ao ensino superior.

Além das motivações sociais e acadêmicas, é preciso destacar o caráter de implicação (LOURAU, 1975) da minha escolha temática. Como pertencente às classes populares, cursei todo o mestrado nessa condição. Para conclusão do curso, mesmo diante das mais variadas adversidades, percebi que não era a única estudante da pós-graduação da classe popular, oriunda de escola pública que, apesar de inseridos em um seleto grupo de pesquisadores, ainda vivenciava a escassez de capitais financeiros, sociais e culturais (BOURDIEU, 2008).

Foi por meio dos laços afetivos, das trocas de conhecimento, amizades e apoio acadêmico mútuo que consegui “chegar a bombordo”. Durante o processo de estudos da classe popular no ensino superior, tema da minha dissertação, surgiu a inquietude: “E a classe popular, como sobrevive na pós-graduação?”. Certamente a socialização afetiva (FERREIRA, 2014), formal e cordial (SILVA, 2017) permeiam a rede de sobrevivência nos programas *stricto sensu* e a fim de investigar essa problemática tão pouco explorada que se propõe a meu presente estudo.

METODOLOGIA

A fim de responder essa inquietude e as outras que dão as bases da pesquisa, indica-se como lócus de pesquisa a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Entre 2011 a 2015, a UFRN foi considerada a melhor instituição federal (IF) do Norte e Nordeste, como demonstrou o Índice Geral de Cursos (IGC) adotado pelo MEC. (MAGALHÃES, ET AL, 2016).

Segundo a Pró-reitoria de Pós-Graduação (PPG, 2017), a instituição potiguar conta atualmente com 86 programas de mestrado acadêmico e 40 programas de doutorado. Dentre eles, sugere-se a escolha de seis programas, sendo todos ofertantes de mestrado e doutorado. A partir da sondagem na plataforma de cursos da PPG, aponta-se como possíveis recortes os seguintes programas, subdividindo em três áreas: BIOMÉDICAS – (1) Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (PPGCSA) e (2) Psicobiologia (PPGPsicob); TECNOLÓGICAS – (3) Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química (PPGEQ) e (4) Ensino de Ciências e Matemática (PPECM); HUMANAS – (5) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e (6) em Educação. A partir dessa definição, sugere-se a delimitação de dois entrevistados por programa, sendo um de mestrado e um de doutorado, totalizando doze entrevistados.

Para a realização desta pesquisa, elegem-se como pressupostos epistemológicos e metodológicos, o viés qualitativo. No entanto, no que se refere aos aspectos quantitativos, pretende-se utilizá-los como amostras não probabilísticas, valendo-se de questionários, análise de gráficos, tabelas e quadros que, unidos na teia de sentidos, apontarão para possíveis significações do fenômeno estudado.

Pretende-se, ainda, empregar a etnografia (URIARTE, 2012; MATTOS, 2011), as entrevistas compreensivas (KAUFFMANN, 2013; SILVA, 2006) e Análise de Conteúdos (MORAES, 1999) como as principais ferramentas metodológicas interpretativas, articulando-as com o conceito de socialização.

As bases epistemológicas que darão os aportes em todo o processo de coleta de dados serão dadas pela Fenomenologia (CAMINHA, 2010) em diálogo com a corrente da Sociologia Americana, Etnometodologia (COULON, 1995).

DESENVOLVIMENTO

Os arranjos da pós-graduação brasileira remontam às cátedras das primeiras universidades fundadas na década de 30. O formato se baseava na relação mestre-discípulo em pequenos grupos de pesquisa. Nessa configuração, as atividades possuíam certa informalidade e o foco maior era na produção da tese. Somente em 1965, o Ministério da Educação (MEC) normatizou a pós-graduação como outro nível de ensino. Através do Parecer 977, denominado de “Parecer Sucupira”, foi especificado o formato institucional básico da pós-graduação no Brasil, a divisão dos níveis de formação, mestrado e doutorado, e o estabelecimento do título de mestre como pré-requisito para curso do doutorado.

Com a reforma de 1968, as pós-graduações se tornaram uma atividade semi-autônoma ligada aos departamentos. A relação tutorial entre estudante e orientador se preservou, mas dessa vez surgiram Conselhos de Pós-Graduação. O grande “salto” nos programas se deu na década de 70, principalmente na área de Ciência e Tecnologia. Nessa fase, professores foram enviados para o exterior para capacitações, permitindo que regressem munidos de ideais e experiências para implementação no país. Em 1975 é criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), fortalecendo ainda mais a expansão acadêmica no Brasil. (BALBACHEVSKI, 2005)

Velloso (2002, p. 04), acerca da temática, afirmou que “os mestrados e doutorandos no país, que vêm se expandindo desde os anos setenta, passaram por notável crescimento na última década”. Contudo, é imprescindível analisar o contexto da pós-graduação em articulação com a expansão universitária. Uma vez que, como declarou Magalhães, et al. (2016), é preciso encarar o desafio da articulação entre pós-graduação e graduação.

O considerável aumento no número de matrículas nas graduações federais despertou a atenção da sociedade e, evidentemente, do meio acadêmico para os ingressos e permanências de estudantes populares no ensino superior. Dentre alguns autores que analisaram a temática então Lahire (1997), Viana (1998), Almeida (2007), Carneiro e Sampaio (2011), Pereira e Passos (2007), Piotto e Alves (2011), Sousa e Silva (2006) e Zago (2006).

Sabe-se que o perfil do alunado dos mestrados e doutorados se diferem dos públicos dos bacharelados e licenciaturas. Os estudantes de pós-graduação iniciam seus estudos em média a partir dos 30 anos. Além disso, a transição do mestrado para o doutorado não é imediata, levando de 2 a 5 anos. Desse modo, o estudante stricto sensu torna-se doutor geralmente entre os 37 a 42 anos de idade (VELLOSO E VELHO, 2001). Com os desafios

próprios dessa fase da vida que envolvem, sobretudo, a subsistência de si e de outros dependentes, o “funil” de seletividade acadêmica diminui ainda mais. Segundo os autores supracitados, alcança as cadeiras pós-universitárias quem passar pela “peneira” da camada social.

Desse modo, fica implícito que os valores que atravessam o capitalismo internalizam as diferentes áreas da vida. Como destaca a obra de Mendes e Iora (2014), a sociedade, constantemente, enaltece o individualismo, a competição e a meritocracia como elementos fundamentais. Assim, como reflexo da macro esfera, na pós-graduação brasileira esses postulados têm sido aplicados como critérios de segregação de instituições, programas, docentes e, claro, estudantes.

Apesar da aparente preparação nos estágios acadêmicos anteriores, o pós-graduando necessita apre(e)nder algumas posturas, linguagens e mecanismos que ainda não conhece ou pelo menos não suficientemente. O sentimento de solidão, provado muitas vezes em virtude das laboriosas horas de estudos na graduação, é intensificado. No estudo de Ciscon-Evangelista e Souza (2014), foi possível depreender que a inserção e a permanência em programas stricto sensu são delineadas como geradores de angústias e obstáculos experienciados pelos estudantes em meio a laços que colaboram com o enfrentamento das adversidades. Esses vínculos se referiam tanto a apoios instrumentais, como os suportes emocionais, provenientes essencialmente dos amigos.

Ainda no âmbito socializador na pós-graduação, Costa e Martins (2001) pode-se inferir que a socialização acadêmica é uma espécie de socialização secundária (BERGER E LUCKMANN, 1976), que insere o agente no mundo científico, fornecendo-lhe o status de cientista, por meio de ensinamentos e orientações sobre as regras do jogo científico definidas pelas instituições e agentes presentes no campo (BOURDIEU, 1968; 1998; 2008).

De antemão, apontando para uma das hipóteses do estudo, Trigueiro (2001) afirmou que é necessário pensar sobre a criação de mecanismos que favoreçam, nos currículos e nas práticas acadêmicas, um ethos muito mais voltado para as relações e troca de experiências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como exposto, o crescimento das camadas populares nos cursos universitários também propiciou o fortalecimento, mesmo que timidamente, da presença de representantes das classes menos favorecidas nos programas de pós-graduação. Para Gatti (2001), os mestrados e doutorados sempre foram idealizados para uma elite econômica e intelectual.

Posto isto, os principais desafios atuais dos programas stricto sensu concernem a amplas questões sociais que transpassam as fronteiras do ensino superior. Embora tão importante no cenário educacional brasileiro, a vivência de estudantes das camadas populares nessa instância acadêmica permanece pouco explorada. Mendes e Iora (2014, p. 179) afirmam em seu trabalho que dos mestrandos dividem-se entre o tempo dedicado ao mestrado com o trabalho, já que, dentre os principais motivos, não há bolsas suficientes para todos. Segundo a Associação Nacional de Pós-Graduação (ANPG, 2017), foram ordenadas, em julho de 2017, 45% menos bolsas de mestrado e doutorado em comparação a 2015. Em 2014, eram ofertadas 19.991 bolsas para mestrandos e em 2017 esse número despencou para 8.984. No doutorado, o número caiu de 18.348 em 2014 para 8.272 em 2017. Como expressão do retrocesso refletido nas suspensões de bolsas, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação tem o menor orçamento em 12 anos.

Entretanto, além das barreiras de ordem material, é importante salientar o caráter competitivo, produtivista e mercadológico dos programas de mestrado e doutorado. Para Gatti (2001, p. 110), desde seu nascedouro, mestrados e doutorados contavam com uma alta seletividade para ingresso. Destaca ainda que “concebem-se os cursos de mestrado e doutorado para uma elite pensante, para a formação dos pesquisadores por excelência e, por isso, sua expansão é tratada como devendo ser contida, e sua avaliação centralizada para melhor controle”.

No que se refere a esse novo universo, o estudante stricto sensu se vê cada vez mais pressionado. Segundo Ciscon-Evangelista e Souza (2014, p 14), “o nível de exigência dos Programas de Pós-Graduação e a pressão sobre os estudantes por produção são, portanto, cada vez maiores” e afirmam que essa constante cobrança abrange os aspectos da qualidade da produção, mas, principalmente, os números de trabalhos no seu currículo. Esses fatores refletem a formação acadêmica e os seus condicionantes que interferem diretamente na produtividade como: ofertas de bolsas, pressão para resultados numéricos e formação anterior precária.

Nesse emaranhado de tensionamentos, incertezas, conflitos e cargas simbólicas, mais uma vez, o estudante precisa por meio da (re)socialização, (re)aprender a estudar e manejar os códigos desse novo nível acadêmico. Anseia-se, então, investigar essa realidade a partir das experiências dos discentes, buscando, essencialmente, as respostas para a pergunta de partida: “Como sobrevivem, academicamente, os estudantes populares na pós-graduação?”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é necessário pensar sobre a criação de mecanismos que favoreçam, nos currículos e nas práticas acadêmicas, um ethos muito mais voltado para as relações e troca de experiências. Inspirado nos conceitos de filiação de Coulon (2008) e didática profana e socialização afetiva (FERREIRA, 2014; 2016), infere-se que as relações amistosas e afetuosas pós-graduação demonstraram a sua importância, sobretudo na vivência dos estudantes populares.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Wilson Mesquita de. Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade. Caderno CRH, Salvador, jan./abr., v. 20, n.49, p. 35-47, 2007.
- ANPG, Associação Nacional de Pós Graduação -. CNPq paga 45% menos bolsas de mestrado e doutorado em 2017 comparado com 2015. Disponível em: <<http://www.anpg.org.br/cnpq-paga-45-menos-bolsas-de-mestrado-e-doutorado-em-2017-comparado-com-2015/>>. Acesso em: 31 jul. 2017.
- BALBACHEVSKI, E. A pós-graduação no Brasil: novos desafios para uma política bem-sucedida. In: SCHWARTZMAN, Simon; BROCK, Colin (Orgs.). Os desafios da educação no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 275 -304, 2005.
- BERGER, Peter. LUCKMANN, Thomas. A Construção Social da Realidade. Editora Vozes, Petrópolis, 1976.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In POUILLON, J. et al. (orgs.) Problemas do estruturalismo. Rio de Janeiro: Zahar, p. 105-45, 1968.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. Excluídos do Interior. In NOGUEIRA, M.A. &CATANI, A. (orgs.). Escritos da Educação. Petrópolis: Vozes, p. 217-227, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. Futuro de classe e causalidade do provável. In NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1998. pp. 81- 126.
- BRASIL. Lei 9.394/96, de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso: 10 de Agosto de 2017.
- BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações: Indicadores sobre o

ensino de pós-graduação. 2017. Disponível em:
<http://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/indicadores/Recursos_Humanos/RH_3.5.2.html>.
Acesso em: 20 ago. 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Plano Nacional de Pós-Graduação: PNPG 2011-2020. Brasília: CAPES, 2010.

BRITTO JÚNIOR, Álvaro Francisco de; FERES JÚNIOR, Nazir. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. *Evidência*, Araxá, v. 07, n. 07, pp.237-250, 2011.

CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Fenomenologia e educação. In: SEMANA DA EDUCAÇÃO, 12., 2010. Anais... Londrina: UEL, 2010.

CARNEIRO, Ava da Silva Carvalho; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. Estudantes de origem popular e afiliação institucional. In SAMPAIO, S.M.R., org. Observatório da vida estudantil: primeiros estudos. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 53-69.

CARNOY, Martin et al. Expansão das universidades em uma economia global em mudança: triunfo dos BRIC? Brasília: CAPES, 2016.

COULON, Alain. A condição do estudante: a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

COULON, Alain. *Etnometodologia e Educação*. Petrópolis, Vozes, 1995.

COSTA, Flaviano; MARTINS, Gilberto de Andrade. Influências da Socialização Acadêmica no Desenvolvimento das Publicações Científicas em Contabilidade no Brasil: Uma Análise dos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, Brasília, v.10, n. 3, p. 314-331, 2016.

DIONÍSIO, Bruno Miguel. Sentidos estudantis da formação acadêmica. In: Congresso português de sociologia: sociedades contemporâneas: reflexividade e ação, 5, 2004, Braga. Anais. Braga: Universidade do Minho, 2004.

DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Portugal: Porto Editora, 1997.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. *Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana*. Iluminuras, Porto Alegre, v. 3, n. 7, pp. 1-22, 2003.

FERREIRA, Adir Luiz. Socialização na universidade: quando apenas estudar não é o suficiente. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 48, n. 34, pp. 116-140, jan./abr. 2014.

FERREIRA, Adir Luiz. Como a relação entre capital cultural e formação no ensino superior aparece para os universitários. In: DOMINGOS SOBRINHO, Moisés; ENNAFAA, Ridha; CHALETA, Elisa. *La educación Superior, el estudiantado y la cultura universitaria*. València: Editorial Neopatria, pp. 161-190, 2016.

GATTI, Bernardete Angelina. Reflexão sobre os desafios da pós-graduação: novas perspectivas sociais, conhecimento e poder. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, v. 18, n. 1, p.108-118, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KAUFMANN, Jean-Claude. A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: vozes; Maceió: EDUFAL, 2013.

LAHIRE, Bernard. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LOURAU, René. Análise institucional. Petrópolis, Vozes, 1975.

LOUZADA, Rita de Cássia; FILHO, João Ferreira da Silva. Pós-graduação e trabalho: um estudo sobre projetos e expectativas de doutorandos brasileiros. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, v. 12, n. 2, p. 265-82, maio-ago. 2005.

MAGALHÃES, et al. Formação docente na pós-graduação stricto sensu: experiências na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. RBPG, Brasília, v.13, n. 31, p. 559 - 582, maio/ago. 2016.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida. Etnografia e educação: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, p. 49-83, 2011.

CISCON-EVANGELISTA, Mariane Ranzani; SOUZA, Mariane Lima de; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. Agradecimentos: dificuldades, conquistas e rede social de apoio de estudantes de Pós-Graduação stricto sensu. Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo. Revista da SPAGESP, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 12-27, 2014.

MENDES, Valdelaine da Rosa; IORA, Jacob Alfredo. A Opinião dos Estudantes sobre as Exigências da Produção na Pós-graduação. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 36, n. 1, p.171-187, 2014.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PAIVANDI, Saeed. A relação com o aprender na universidade e o meio ambiente de estudos. Revista Educação em Questão, Natal, v. 48, n. 34, p. 39-64, jan./abr. 2014.

PAIVANDI, Saeed. Que significa o desempenho acadêmico dos estudantes? In: Observatório da vida estudantil: avaliação e qualidade no ensino superior. Salvador: EDUFBA, 2015.

PEREIRA, Samara Cristina Silva; PASSOS, Guiomar de Oliveira. Desigualdade de acesso e permanência na universidade: trajetórias escolares de estudantes das classes populares. Linguagens, educação e sociedade, Teresina, v. 16, n. 12, pp.19-32, 2007.

PIOTTO, Débora Cristina; ALVES, Renata Oliveira. Estudantes das camadas populares no ensino superior público: qual a contribuição da escola? *Psicol. Esc. Educ.*, vol.15, n.1, pp.81-89, 2011.

PÓS-GRADUAÇÃO, Pró-reitoria de. CONSULTA DE CURSOS STRICTO SENSU. 2017. Disponível em: <<http://www.ppg.ufrn.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JUNIOR, João dos Reis. Trabalho intensificado nas Federais: Pós-Graduação e Produtivismo Acadêmico. São Paulo: Xamã, 2009.

SILVA, Edilene Dayse Araújo da. Quando desistir não é uma opção: Socialização e estratégias de permanência de estudantes populares na UFRN. 2017. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

SILVA, Rosália de Fátima. Compreender a Entrevista Compreensiva. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 26, n. 12, p. 31-50, maio/ago. 2006.

SOUSA E SILVA, J. Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro: Editora Sette Letras, 2003.

TRIGUEIRO, M. G. S. A formação de cientistas: necessidades e soluções. In: *A era do conhecimento: Matrix ou Ágora?*. Porto Alegre/Brasília: Editora da Universidade UFRGS/Editora UnB, p. 61-70, 2001.

VELHO, Gilberto. "Observando o familiar". In VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

VELLOSO, Jacques. *A Pós-graduação no Brasil: formação e trabalho e mestres e doutores no país*, v. 1. Brasília, Capes, 2002.

VELLOSO, Jacques; VELHO, L. *Mestrandos e doutorando no país: trajetórias de formação*. Brasília: CAPES, 2001.

VIANA, Maria José Braga. Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade. 1998. 264 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. *Ponto Urbe: Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, São Paulo, v. 11, pp.01- 13, nov. 2012.

ZABALZA, Miguel Ángel. *O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. In: *REUNIÃO ANUAL DA ANPED*, 28, Caxambu, MG, pp. 1-16, out. 2006.